

5 Interpretando e co-construindo oportunidades de aprendizagem e de entendimentos

*É o nosso trabalho documentar o normal.
Você deveria estar tentando se surpreender o tanto quanto possível.
Quanto mais você se surpreender,
mais credibilidade você constrói para as outras coisas que você diz [na sua tese].
Allwright [entre 1994 e 2001], comunicação pessoal, apud Miller, 2001, p.183.*

Neste capítulo, mostro a minha interpretação e a de Larissa dos excertos escolhidos da aula selecionada que tivemos em 2007. Cabe lembrar que estes trechos foram utilizados no encontro que tive com Larissa, em sua casa, em três de setembro de 2008, já que a mesma havia saído do curso onde nós tínhamos aula (cf. Capítulo 4, Seção 4.3).

Conforme afirmei no capítulo anterior (Seção 4.6.2), dividi aqueles trechos em cinco partes (cinco “Microinterações”), considerando-se, principalmente, minha utilização dos conceitos de “enquadres” (Goffman, 1974) e das “pistas de contextualização” (Gumperz, 1992), como unidades de análise. Ademais, procurei facilitar a forma de exposição do meu processo analítico e do de Larissa, no presente texto. Lembro, ainda, que essas cinco partes reunidas constituíram o conjunto de interações⁶³ denominadas de “*And you... do you like learning English?*” (cf. Seção 5.1, abaixo), devido à relevância de tal pergunta no âmbito da presente investigação (cf. Capítulo 4, Seção 4.6.2).

5.1 “*And you... do you like learning English?*”

O conjunto dos trechos selecionados diz respeito à aula que Larissa e eu tivemos no dia oito de agosto de 2007, inserida no segundo semestre do ano letivo. Esclareço que aquela classe constituiu a décima-oitava aula gravada e não foi a primeira em ordem cronológica, desde o início do ano (cf. Tabela 9, Capítulo 4).

⁶³Este conjunto de interações serviu de inspiração para o pôster que Larissa e eu apresentamos no VI ENPLIRJ (cf. Capítulo 4, Seção 4.6.2).

As interações seguintes ocorreram em contexto face-a-face, em situação institucional pedagógica. Elas se iniciam comigo e com Larissa fazendo um exercício em dupla (em inglês, *pair work*), de pergunta e resposta, proposto no material didático para a prática oral de ILE. Este exercício consistia de quatro perguntas, com o intuito de praticar as estruturas gramaticais “would like to do” (“gostaria de fazer [algo]”) e “like doing” (“gostar de fazer [algo]”). Decidi realizar aquela atividade como uma APPE, a partir de uma questão do exercício que aguçou minha curiosidade e meu interesse acerca da opinião de Larissa no tocante ao seu aprendizado da língua-alvo. A pergunta era “*Do you like learning English?*” (“**Você gosta de aprender inglês?**”).

Como afirmei acima, dividi o conjunto em cinco partes, aqui denominadas de “microinterações”. Primeiramente, exponho a minha análise da microinteração selecionada. Em seguida, apresento e discuto as interações nas quais Larissa e eu negociamos sua interpretação das microinterações selecionadas. Assim o faço com cada uma das “microinterações”, sucessivamente.

5.1.1

A primeira microinteração: “*Do you like learning English?*”

Microinteração 1 - 18ª. aula gravada - 8 de agosto de 2007

Tempo de gravação desde o início da gravação: 22 minutos

Participantes/Falantes: Andréa e Larissa

T = turno do falante, L = linha da fala

T	L	Falante	Interações
1	1 2	Andréa	do you like/ learning English?/ I would like you to be honest.
2	3 4 5	Larissa	well I like English/ very much/ but I don't like lea::r/ é::/ learning/ English
3	6	Andréa	why not?
4	7 8	Larissa	because I::/ I::/ think.../ uh:: /boring
5	9	Andréa	really?
6	10	Larissa	yes.
7	11 12	Andréa	uh::/ what is boring? the class is boring?/

	13		be honest/[please
8	14 15 16	Larissa	[um not the class/ u::h.../ u::h.../ the:: (2.0)/ the subject/ subjects.../ [is boring
9	17	Andréa	[ah/ the subject/ in the book/ o::r/ everything?
10	18	Larissa	everything.
11	19	Andréa	really?
12	20	Larissa	yes.
13	21 22	Andréa	what would you like-/ uh:./ what would you suggest/ as/ the subjects?
14	23 24 25 26 27	Larissa	well um:: .../ English/ for me/ is like/ Portuguese/ uh:./ I like English uh:./ musics in/ English/ uh:./ movies/ but/ uh:./ learn the rules/ I don't like
15	28	Andréa	uh-huh
16	29 30 31 32 33	Larissa	is it/ so/ é::/ I::/ think/ there is no::/ a way é::/ change it/ é::/ is not the book/ or the class/ or the teacher/ um:: (4.0)

5.1.1.1

Minha análise: Os *enquadres*

1) Primeiro *enquadre*: aula tradicional concomitante com aula com potencial exploratório

No trecho acima, sou eu quem inicio o turno⁶⁴ da fala (turno 1), através do questionamento à Larissa se ela gostava de aprender inglês (linha 1). Utilizo um elemento (minha pergunta) do par adjacente (Levinson, 1983, p.303) de pergunta e resposta, numa interação típica em sala-de-aula conhecida pela sigla IRA⁶⁵, na qual o

⁶⁴Embasa a minha utilização deste vocábulo na afirmação de Marcuschi (1986, p.89 *apud* Dionísio, 2001, p.79) de que o turno compreende “a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio”, porém não engloba “a produção do ouvinte durante a fala de alguém, embora isto tenha repercussão sobre o que fala” (ibid.). O conceito “turno” ou “turno conversacional” (ver Nota de rodapé 66) é usado na Análise da Conversação e foi estudado, a princípio, por Sacks, Schegloff e Jefferson, em 1974 (Dionísio, 2001, p.79).

⁶⁵Iniciação-Resposta-Avaliação. Este tipo de interação não se limita ao ensino de língua (estrangeira ou materna), mas aplica-se, igualmente, à outras disciplinas e áreas de estudo. Abaixo o leitor encontra um exemplo de tal seqüência em sala-de-aula de língua (estrangeira ou materna), na qual P é o professor e A o aluno:

P: [apontando para um relógio na parede] Que horas são? {Iniciação}

educador faz uma indagação ao aprendiz (Iniciação), que por sua vez deve fornecer uma réplica apropriada à pergunta (Resposta), a qual será avaliada de forma positiva ou não pelo professor (Avaliação). Este tipo de interação também representa uma forma do mesmo exercer o controle da situação, na medida em que é ele quem inicia (através de uma inquirição cuja resposta já sabe, na maior parte das vezes) e finaliza o turno conversacional⁶⁶ (através da retificação ou ratificação da pergunta) (Hall & Walsh, 2002).

Na interação acima, este controle é fortalecido pela utilização de uma forma assertiva (“*I would like you to be honest.*”, linha 2) que, embora suavizada pela expressão modal “*would like*”, é complementada pelo adjetivo “*honest*”. Ou seja, toda aquela expressão funciona como uma pista de contextualização lingüística, remetendo à idéia da minha desconsideração da honestidade de alunos e professores em geral e de Larissa em particular, no contexto de uma aula tradicional, onde a interação costuma ser pautada pelo conteúdo lingüístico sendo trabalhado e não pela veracidade das informações. Constrói-se, dessa forma, o primeiro *enquadre* interacional, o de aula tradicional concomitante com aula com potencial exploratório, sustentado pela utilização da interação IRA (turnos 1, 2 & 3). Esclareço, no entanto, ao exercer minha autonomia crítico-reflexiva de pesquisadora-praticante no atual momento, o meu real interesse exploratório na opinião de Larissa, ao questioná-la como o fiz. Eu buscava entender o que ela pensava naquele momento e não, somente, praticar a língua. È por isso que vejo este *enquadre* como uma mescla de aula tradicional com aula com potencial exploratório.

2) Segundo *enquadre*: discussão e argumentação entre professora e aluna exploratórias sobre o uso da língua inglesa X aprendizado da mesma

A indagação, por outro lado, parece incomodar Larissa, que, por sua vez, demonstra hesitação ao responder no uso do marcador de discurso “*well*” (linha 3), para, em seguida, *enquadrar* uma nova situação: a discussão de gostar de inglês (“*I*

A: Nove horas. {Resposta}

P: Muito bem! {Avaliação}

Para maiores informações, o leitor poderá consultar Hall e Walsh (2002).

⁶⁶Ver Nota de rodapé 64.

like English”, linha 3) X não gostar de aprender inglês (“*but I don’t like lea::r/ é:: learning/ English*”, linhas 4 & 5).

Observam-se, assim, as tensões geradas neste encontro social complexo e singular, no qual as duas participantes vão se co-construindo: de um lado, eu, Andréa, como professora/pesquisadora co-participante na tentativa de construir significado autêntico e não só pedagógico com Larissa, ao mesmo tempo em que procuro manter meu papel identitário pedagógico institucional, defendendo minha face (Goffman, 1967). De outro lado, Larissa como aluna redefinindo o contexto anterior. Vejo, então, nesse momento, a co-construção socio-interacional da minha autonomia e da de Larissa acontecendo discursivamente. Conquanto estivéssemos, possivelmente, em uma situação delicada e conflitante, gerada por uma busca por entendimentos metapedagógicos, aceitamos continuar a discutir sobre o assunto, como minha próxima indagação (linha 6, “*why not?*”) o demonstra. No caso de Larissa, sua hesitação expressa lingüisticamente através do marcador “*well*” (linha 3) e da repetição dos vocábulos “*lea::r*”(linha 4), “*lea::rning*” (linha 5), este último antecedido de outro marcador “*é::*” (em português) (linha 5), parece ainda indicar seu esforço em dar prosseguimento ao seu pensamento em inglês. Em outras palavras, estimulada pelo meu discurso, Larissa parece adotar uma posição crítico-reflexiva que lhe proporciona a oportunidade de agir autonomamente e mudar *o enquadre* anterior tradicional de sala-de-aula.

O novo *enquadre* co-construído sugere um paradoxo (gostar do idioma inglês X não gostar de aprender aquela língua), o qual aguça minha curiosidade como pesquisadora/educadora exploratória, já que procuro descobrir o motivo (“*why not?*”, linha 6) para a asserção de Larissa. Eu e Larissa, construímos, assim, momentos exploratórios, nos quais usamos a LE e, concomitantemente, buscamos maiores *entendimentos* acerca do uso do ILE e de seu aprendizado formal.

A pausa no discurso de Larissa (pista de contextualização para-lingüística) e o uso do adjetivo “*boring*” (“chato”, em português) (pista de contextualização lingüística) - ambos na linha 8 - podem ser interpretados como o seu esforço, como aluna, em usar a língua-alvo, mais uma vez, para expressar sua opinião: aprender inglês é “chato”. Ademais, podemos ver como Larissa responde ao meu pedido

anterior de ser honesta (linha 2), em sua resposta. Esta opinião é mantida (linha 10) mesmo quando eu a questiono (linha 9), numa tentativa de controlar uma situação que, na época, me parecia estar saindo fora de controle - e por que não dizer, recuperar o *enquadre* prévio, onde a aula não exploratória também figura como construto. Adicionalmente, a entonação descendente (pista de contextualização para-lingüística) produzida por Larissa ainda na décima linha (“yes.”) poderia ser entendida como um reforço na manutenção de seu ponto de vista assertivo. Surge, então, a necessidade de um maior esclarecimento do que seria “chato”, no aprendizado da língua inglesa, talvez a aula (linhas 11 & 12) - vista como uma ameaça à minha face (Goffman, 1967). Portanto, reitero meu pedido da honestidade de Larissa, desta vez através de uma diretiva (“*be honest*”, linha 13), composta do imperativo expresso pelo verbo “*be*” (linha 13) e da repetição do adjetivo “*honest*”, suavizada pelo marcador de polidez, “*please*” (ibid.), todos pistas de contextualização lingüísticas. Poder-se-ia dizer, talvez, que eu, novamente, procuro resgatar o controle da situação, utilizando a língua para retornar ao *enquadre* anterior.

Novamente, responder não parece fácil à Larissa, como o marcador de discurso (“*um*”), as pausas e as hesitações (“*u::h.../ u::h...*”) em sua fala (linha 14) parecem indicar. Porém, ela nega que a aula é chata (“*not the class*”, linha 14) e afirma ser(em) a matéria/os assuntos (linhas 15 & 16).

Minha reação é de alívio (parcial) (“*ah*”, linha 17), entretanto procuro elucidar se o assunto/tópico circunscreve-se ao material didático ou a tudo (ibid.) - algo bastante abrangente, podendo inclusive remeter à própria aula novamente. Larissa, por sua vez, afirma ser tudo (linha 18), num tom de voz descendente (“*everything.*”) (pista de contextualização para-lingüística), possivelmente ratificando seu ponto de vista. Ela, em seguida, confirma sua visão (“*yes.*”, linha 20) - utilizando o mesmo recurso para-lingüístico - ainda que eu a tenha questionado novamente (linha 19). Repete-se, assim, uma situação anterior, na qual Larissa respondeu à minha pergunta (linha 8), foi questionada por mim (linha 9) e usou uma assertiva para manter sua opinião (linha 10).

Dentro do novo *enquadre* (discussão e argumentação) co-construído, percebo que há momentos em que me co-construo como pesquisadora/entrevistadora (linhas

21 & 22) - procurando dar voz à Larissa - enquanto há outros, nos quais me co-construo como uma educadora tradicional, na tentativa de resgatar o controle da aula através de perguntas na maioria dos meus turnos de fala (turnos 1, 3, 5, 7, 9, 11). Conseqüentemente, arrisco a dizer que se eu tivesse me posicionado mais freqüentemente como uma praticante naquela situação pedagógica, provavelmente teriam havido maiores oportunidades para que nossas autonomias de aprendizes pudessem ser discursivamente construídas, através do nosso processo crítico-reflexivo dentro do *enquadre* exploratório.

3) Terceiro *enquadre*: controlando o piso conversacional

O discurso de Larissa (turno 14) confirma o *enquadre* anteriormente estabelecido por ela (turno 2), introduzindo o tópico gostar de usar (aspecto informal) o idioma inglês e não gostar de aprender as regras gramaticais (aspecto formal) daquela língua (“*I like English uh:::/ musics [sic] in/ English/ uh:::/ movies/ but/ uh:::/ learn the rules/I don’t/ like*”, turno 14). Mais adiante, entretanto, Larissa sugere não haver espaço para uma mudança no (atual) ensino/aprendizado de ILE (linhas 29 & 30) e que não depende do material didático (linha 31), ou da aula (linha 32) ou do professor (linha 33) tornar aquele processo educacional mais interessante. Ela parece utilizar formas lingüísticas impessoais (“*there is*”, linha 29 & “[*it is*”, linha 31) para distanciar-se como sujeito do discurso, sinalizando a mudança para um novo *enquadre*, numa tentativa de alinhar-se simetricamente comigo, através do controle do piso conversacional (linhas 29 a 33).

Sua escolha de formas impessoais pode ser interpretada no sentido de preservar sua face (Goffman, 1967) perante o tópico introduzido: a impossibilidade de modificação do atual ensino-aprendizagem de ILE, no qual ela e eu estávamos envolvidas naquele momento. Poder-se-ia dizer, portanto, que Larissa co-constrói sua autonomia crítico-reflexiva interacionalmente, ao sugerir estar ciente de fatores constrictivos no seu processo de ensino-aprendizagem de ILE (turno 16), ainda que faça uso de impessoalidade lingüística. Interpreto o uso desta estratégia para que Larissa possa equilibrar-se interacionalmente e controlar o tópico conversacional.

Este, por sua vez, está ligado a um contexto de ordem macro, no qual o atual ensino de ILE está inserido. Ou seja, aspectos culturais, econômicos e políticos de ordem mundial (escolha de metodologia, material pedagógico, abordagens teóricas de ensino, *inter alia*) influenciam e norteiam o ensino de ILE (Holliday, 1994) e são extremamente relevantes para a minha compreensão do que co-construímos na interação acima.

No tocante à minha autonomia, percebo que esta se constrói na pausa de quatro segundos (no fim do turno 16, linha 33), logo após o discurso de Larissa. Isto é, utilizo esta pausa (pista de contextualização para-lingüística) para refletir acerca do que Larissa havia dito, antes de prosseguir com a discussão do assunto.

Finalizo, neste momento, minha análise desta microinteração para ceder a vez à interpretação de Larissa acerca do mesmo trecho.

5.1.1.2

Microinteração 1: a interpretação de Larissa

Seguem abaixo trechos do encontro que tive com Larissa (em três de setembro de 2008), no qual ela oferece sua visão acerca da Microinteração 1 acima (cf. Seção 5.1.1). Procurei selecionar as partes mais relevantes, considerando-se o grande volume de interações entre mim e Larissa, somente naquele trecho. No Anexo 7, encontra-se toda a interação na qual Larissa oferece sua interpretação sobre a Microinteração 1.

Encontro com Larissa - 3 de setembro de 2008
 Tempo de gravação (digital) desde o início da gravação: 13 minutos e 14 segundos
 Participantes/Falantes: Andréa e Larissa
 T = turno do falante, L = linha da fala

T	L	Falante	Interações
8	26 27 28 29 30 31	Larissa	= falei que eu gostava de inglês/ mas não de aprender/ inglês/ porque::/ achava chato ma-/ que eu aqui/ °eu falei°/ °mais embaixo depois ((apontando para o turno 14 na Microinteração 1)) né°/ que eu gostava de música em inglês/ °filmes° MAS/ ir pra um local/ pra aprender/ a fala::r/ a escreve::r/ eu não gostava/ talvez pelo/ pelo método
9	32	Andréa	°uh [sei°
10	33	Larissa	[mas não é/ não me atraía/ embora eu gostasse/ da língua
11	34 35 36	Andréa	sei/ entendi/ então cê gostava de aprender inglês/ você gostava do inglês/ °é isso que cê tá dizendo°?/ mas não gostava de aprender inglês?
12	37	Larissa	é [não/ é não gostava de ir pro curso
13	38	Andréa	[é (assim)/
14	39	Larissa	pra =
15	40	Andréa	= entendi
16	41	Larissa	fazer os exercícios/ver as regras (3.0)
17	42	Andréa	e::/ o que que é o inglês pra você? (2.0)
18	43 44 45 46 47 48 49	Larissa	ah assim/ é uma língua/ >eu acho</ importante.../ por exemplo/ é::/ eu não gostava de ir pro curso/ aprender/ mas/ é::/ eu acabava aprendendo/ eu ia/ acabava aprendendo alguma coisa/ quando eu chegava em casa/ e aí ia::/ ver uma letra de música/ aí entendia o que/ tava falando (na) leta [sic] ⁶⁷ / no filme/ ou::/ usar às vezes assim o inglês de bobeira/ com/ alguns amigos no Msn ⁶⁸ / eu gostava/°assim° eu gos- gos- gosto de usar/ a língua =
19	50	Andréa	= sei =
20	51 52	Larissa	= embora não goste de::/ aprender assim/ (de) ir pro curso/ pra uma aula

Como afirmei no Capítulo 4, Seção 4.7.1, resaltei algumas observações feitas por Larissa no encontro com a mesma, pois elas constituíram “oportunidades de aprendizagem” (Allwright, 2005) percebidas, por mim, interacionalmente. Em primeiro lugar, então, *aprendo*, com Larissa, nas observações em verde no excerto acima (turnos 8, 10, 12, 14, 16, 18 & 20), já que percebo que elas corroboram minha

⁶⁷Provavelmente, Larissa quis dizer “letra”.

⁶⁸MSN, site de relacionamento virtual, mencionado no Capítulo 4, Seção 4.3, Nota de rodapé 55.

interpretação de Larissa gostar de usar a língua inglesa, mas desgostar de aprender este idioma de maneira formal (cf. Seção 5.1.1.1, “Segundo *enquadre*”).

Veamos o que Larissa diz no trecho a seguir:

T	L	Falante	Interações
21	53	Andréa	entendi
22	54 55 56 57 58	Larissa	e tal/ mas assim/ o inglês pra mim é (super) importante porque:// >não é< >só pra mim</ acho que pra todo mundo/ todo mundo deveria fazer um/ curso de inglês/ por mais que seja chato/ porque hoje em dia é importante assim/ (eu) tenho:// eu tenho:// essa consciência (2.0)

Aprendo, novamente, quando Larissa diz “curso de inglês/ por mais que seja chato” (turno 22, linha 56), pois ela confirma que o aprendizado formal de ILE, de maneira geral, é enfadonho, alinhando-se com minha análise (cf. Seção 5.1.1.1, “Segundo *enquadre*”).

Larissa prossegue com sua interpretação:

T	L	Falante	Interações
23	59 60	Andréa	uh-huh/o que que é:// por que que você gosta do inglês?/ <u>gosta do inglês?</u>
24	61	Larissa	gosto assim/ de conversar em inglês assim eu gosto
25	62 63 64	Andréa	por que você gosta de:// do inglês?/ de usar a língua/ por <u>que</u> que você gosta/ de usar a língua?/ <u>cê</u> falou pra mim/ “eu gosto de usar a língua”/” mas não gosto de aprender”
26	65 66 67 68 69 70	Larissa	é eu >gosto de usar</ eu acho assim/ é também eu acho:// o:// eu gosto mais do in-/ -glês britânico/ apesar de/ eu falar/ mais/ o americano/ mas eu gosto mais do inglês britânico/ eu (gosto) assim/ do jeito como:// da- das <u>palavras</u> / tem um-/ umas palavras que/ eu acho assim/ muito fofi::nhas/ que significam bobearas/ mas que eu gosto de falar/ a <u>palavra</u> / porque eu acho bonito

Mais uma vez, percebo nas observações em verde acima (turno 24 & turno 26, linha 65), a convergência da visão de Larissa com a minha análise, em relação à ideia de Larissa gostar de usar a língua inglesa (cf. Seção 5.1.1.1, “Segundo *enquadre*”). Vejo essas “oportunidades de aprendizagem” contribuindo para a co-construção de maiores *entendimentos* na presente pesquisa, uma vez que múltiplas interpretações co-existem, concomitantemente. Sejam essas visões de mundo convergentes ou não, elas caracterizam a riqueza do processo interpretativo exploratório das participantes-praticantes, no caso, Larissa e eu, na atual investigação.

Finalizo minha narrativa sobre minhas “oportunidades de aprendizagem” no que tange às observações de Larissa no trecho acima para mostrar a Microinteração 2, da aula selecionada do dia oito de agosto de 2007, como podemos ver a seguir.

5.1.2

A segunda microinteração: fala relatada⁶⁹

Microinteração 2 - 18ª. aula gravada - 8 de agosto de 2007

Tempo de gravação desde o início da gravação: 24 minutos

Participantes/Falantes: Andréa e Larissa

T = turno do falante, L = linha da fala

T	L	Falante	Interações
16	33	Larissa	or the teacher/ um:: (4.0)
17	34	Andréa	ok/ I think/ that you have raised/ a very interesting point/
	35		um:::/ because I agree with you mostly/
	36		um:::/ but I'd like to say something um:: (5.0)/
	37		uh::: when you said that/ “there's no <u>way</u> ”/
	38		I think you said/ did you-
	39		didn't you say ?/ “there's no way”/ “to change the book”/?/
	40		“it's not the book”/
	41		“it's not the teacher”/
	42		“it's not the su-“ / “the class”.../
	43		s- / wha-I don't remember
18	44	Larissa	uh:::/ I don't remember too.

5.1.2.1

Minha interpretação: Novos *enquadres*

4) Quarto *enquadre*: *reenquadrando*

Após a pausa de Larissa (linha 33), utilizo outro marcador lingüístico, “ok” (linha 34), para recuperar o piso conversacional, iniciando o turno novamente (linha 34) e *reenquadrando* a situação. Em seguida, hesito (“um:::”, linha 35), num ato estratégico para organizar meu pensamento antes de expressá-lo em palavras, considerando-se a delicadeza do momento. Apesar de concordar quase que totalmente com Larissa (linha 35), hesito mais uma vez (“um:::”, linha 36), antes de introduzir

⁶⁹Por fala relatada quero dizer que o participante que tem a vez de falar na interação, naquele momento, fez um relato do que o seu interlocutor houvera dito anteriormente.

uma discordância (“*but I’d like to say something*”, linha 36), fortemente marcada pela conjunção adversativa “*but*”. Este marcador de discurso, funcionando como uma pista de contextualização lingüística, auxilia-me no novo *enquadre* (“Quinto *enquadre*”, logo abaixo) que se seguirá, a partir da linha 37 do mesmo turno. Cabe salientar a longa duração da pausa (“(5.0)”, linha 36) que utilizo, aqui entendida como pista de contextualização para-lingüística para a elaboração do meu discurso porvir. Em outras palavras, até aquele momento, meu discurso é marcado por uma combinação de pausa e hesitações (linhas 35 & 36), as quais parecem indicar minha dificuldade em expressar meu ponto de vista, ainda que eu controle todo o piso conversacional (turno 17).

5) Quinto *enquadre*: testando Larissa

É de se esperar que eu desenvolva meu pensamento, após ter introduzido minha divergência (linha 36), porém tal procedimento não acontece. Opto, entretanto, por ecoar (linhas 37 a 42) o discurso anterior de Larissa (linhas 29 a 32, Microinteração 1), mudando o *enquadre* novamente. O que se sucede é peculiar, já que após o relato preciso, afirmo não me recordar (linha 43) do que Larissa havia dito! Tal fato pode ser interpretado como uma estratégia de controle adotada por mim, com o intuito de testar Larissa tanto em relação à sua visão acerca do tópico discutido anteriormente, quanto no que tange à aprendizagem *per se*.

A rigor, minha intenção original havia sido criar espaço para entendimento e elucidação, facilitando, assim, a co-construção interacional da minha autonomia e da de Larissa, através do nosso processo crítico-reflexivo. Todavia, ao arquitetar meu discurso, terminei por confundir-me, o que pode ter confundido Larissa também, como sua resposta o demonstra: “*uh::/ I don’t remember too.*” (linha 44). Aliás, minha “incerteza” estrategicamente construída já havia se iniciado anteriormente, através das minhas expressões “*I think you said/ did you-*” (linha 38) e “*didn’t you say?*” (linha 39). A microanálise desta interação auxilia-me a perceber que pareço adotar a estratégia de pedir a confirmação do que Larissa havia dito antes, como uma forma de controle da situação socio-comunicativo-educativa. Saliento, ainda, o papel da entonação descendente (“*too.*”), na mesma fala de Larissa (linha 44), como um recurso para-lingüístico possivelmente indexando a confusão criada por mim,

anteriormente. Ao responder ao meu comentário, Larissa comete um erro gramatical (“*I don’t remember too*”, linha 44), do ponto de vista formal da língua, o qual cria a oportunidade propícia para um novo *enquadre* do evento comunicativo, que será mostrado na Microinteração 3, mais adiante.

Neste momento, interrompo minha narrativa para mostrar a visão de Larissa sobre o mesmo excerto acima (Microinteração 2), retomando minha análise já na Microinteração 3.

5.1.2.2

A visão de Larissa do que está se passando na segunda microinteração

Apresento, abaixo, trechos da interação do encontro com Larissa, nos quais ela interpreta a Microinteração 2 acima (cf. Seção 5.1.2). Lembro ao leitor que a transcrição integral de toda esta interação encontra-se no Anexo 8.

Encontro com Larissa - 3 de setembro de 2008

Tempo de gravação (digital) desde o início da gravação: 19 minutos e 26 segundos

Participantes/Falantes: Andréa e Larissa

T = turno do falante, L = linha da fala

T	L	Falante	Interações
1	1	Larissa	é nessa parte assim que eu falo que (2.0)/ “não tem jeito de mudar”/ é::/ “de como >se aprender</ inglês”/ hoje eu já penso diferente do que antes porque apesar de::/ lá no curso/ a gente te::r (2.0)/ ter tido que seguir assim/ as regras do curso ter/ usar o material e tal/ mas a gente também assim/ no que a gente pode fazer/ a gente fez coisas assim por fora/ (veja) que a gente pegou a mú::sica ⁷⁰ / e::/ é/ às vezes as conversas que a gente tinha que/ era às vezes o assunto era puxado pelo livro mas/ no::/ a gente acabava saindo um pouco/ >por exemplo< o semestre passado ⁷¹ que a gente não usou material/ a gente teve umas aulas/ bem diferentes/ bem mais interessantes assim/ do que era antes/ e é eu acho que se/ >se tivesse< um curso que desse/ mais uma liberdade assim pro professor/ de usar esses métodos/ eu acho que/ você pode aprender inglês do mesmo jeito/ que você faz/ com o livro/ de uma forma mais interessante
	2		
	3		
	4		
	5		
	6		
	7		
	8		
	9		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		

⁷⁰Esta música foi estudada no primeiro semestre de 2008, quando Larissa ainda era minha aluna.

⁷¹Primeiro semestre de 2008.

No excerto anterior, percebo Larissa reverter seu alinhamento⁷² anterior (turno 16, Microinteração 1, Seção 5.1.1), ao destacar suas observações na cor azul, como o fiz. A razão pela qual considero tais afirmações *aprendizagem*, para mim, explica-se pela *oportunidade* de poder comparar minha análise à de Larissa e perceber a dinâmica do processo interpretativo crítico-reflexivo. Larissa, atualmente, “já pens[a] diferente do que antes [em 2007]” (turno 1, linhas 2 & 3), no tocante à possibilidade do professor e do aluno (cf. seu uso da expressão “a gente”, ao longo do turno 1) terem mais liberdade para tomarem decisões acerca do processo de ensino-aprendizagem de ILE.

Vejam os que Larissa afirma em outro trecho:

T	L	Falante	Interações
2	15	Andréa	°uh-huh° =
3	16	Larissa	= que era o/ como a gente tava fazendo ⁷³ [°lá no°
4	17 18	Andréa	[e por que/ que você acha?/ que essa forma é mais interessante.
5	19 20 21 22 23 24 25 26	Larissa	ah porque eu acho/ por exemplo assim comigo/ com a minha vida/ tem mais a ver vo-/ eu (li)/ eu ver um filme e::/ aí a-/ aprender assim/ como uma coisa que::/ que o ator ou a atriz disse no filme/ aí aprendendo o vocabulário.../ é/ você/ o aluno poder levar uma música/ e::/ que ele gosta/ e trabalhar em cima dessa música/ com a letra dessa música/ eu acho que/ é mais interessante porque vo-/ é a vida/ do aluno que tá sendo levada/ é u-/ uma música/ (°é claro né?°)/ [(°se for uma música/ aqui°)/ que ele gosta/ que::
6	27	Andréa	[°uh-huh°
7	28 29 30	Larissa	dá pra ver/ pra ele ouvir/ e ele vai tá fazendo isso/ (aonde) ele pode aprender também/ com essa música/ saber que/ ele <u>pode/ ouvir uma música só por ouvir/ mas ele pode também aprender com aquilo</u> =

⁷²Conquanto não tenha tido intenção de utilizar o conceito de alinhamento ou “*footing*”, como proposto por Goffman (1979 *apud* Ribeiro & Garcez, 1998, p.70), como unidade analítica no presente trabalho, considero relevante um pequeno esclarecimento acerca do termo, no atual momento. Alinhamento ou “*footing*” (ibid.) corresponde ao posicionamento dos participantes de uma situação comunicativa, na relação com o seu interlocutor, consigo mesmo e também com o “discurso em construção” (Ribeiro & Garcez, 1998, p.70). Os alinhamentos são dinâmicos, já que são criados, mantidos ou mudados discursivamente (ibid.). Em outras palavras, eles não existem *a priori*, porém vão sendo construídos na própria interação, pelos próprios participantes, no modo como estes últimos lidam com a “produção ou a recepção de um enunciado” (ibid.)

⁷³Provavelmente, ela se refere ainda ao primeiro semestre de 2008.

Percebo, novamente, o realinhamento de Larissa consigo mesma (cf. turno 16, Microinteração 1, Seção 5.1.1) nas suas observações que salientei em azul acima (turno7, linhas 29 & 30). Larissa parece ter percebido a viabilidade de se aprender ILE por meio de músicas e não somente através da utilização de material pedagógico. Esta *oportunidade de aprendizagem* por mim percebida interacionalmente acima está interligada aos comentários de Larissa no trecho seguinte:

T	L	Falante	Interações
10	35 36	Andréa	[é mais ou menos/ o que você falou/ aí eu queria/ retomar isso/ “que a gente não usou material”/ a gente não usou material? =
11	37 38 39 40 41	Larissa	= NÃO a gente::/ óé porque eu que-°/ é porque eu me expressei mal/ ((o que eu quis falar)) que a gente não usou material/ é dado assim é::/ dado/ pelo curso/ usando/ u-/ u::m/ seguindo/ uma lei que um curso impõe/ digamos meio assim/ não sei se eu tô me expressando muito bem/ [que a gente usou material
12	42	Andréa	[()
13	43 44 45	Larissa	a gente/ você até levava/ as regras do livro e tal/ e a gente usava (2.0)/ é::/ mas/ era/ uma aula/ que era mais livre/ pra gente decidir/ o que a gente queria fazer
14	46 47 48	Andréa	entendi/ você e/ e o professor/ quando (cê) diz/ “a gente” /quer dizer/ no caso era eu/ que era sua professora/ quando você diz “a gente” é::/ os <u>dois</u> ?/ podiam decidir?
15	49	Larissa	isso

Possivelmente, a experiência das aulas que Larissa e eu tivemos no primeiro semestre de 2008, quando houve uma maior abertura para que nós pudéssemos decidir mais ativamente sobre diversos aspectos de nossas aulas, contribuiu para a mudança de opinião de Larissa, como suas observações em azul acima parecem demonstrar (cf. turnos 13 & 15). Naquela época, a escola de idiomas passava por um período de transição, inclusive na abordagem teórico-metodológica, pois havia sido comercializada, tornando-se uma franquia com outra “bandeira” de ensino de línguas (cf. Capítulo 4, Seção 4.1.1). Como Larissa era aluna particular, houve flexibilidade institucional, naquele momento, para que o corpo docente agisse com mais liberdade e menos desmembramento para com aquele tipo de corpo discente (individual). Ainda que eu tivesse feito algum uso de material didático de ILE, naquele período, não havia imposição institucional de utilização de quaisquer recursos pedagógicos, ou mesmo

um programa pré-estabelecido de conteúdo gramatical e/ou lexical a ser obrigatoriamente cumprido, dentro de um prazo de tempo estipulado *a priori*.

Vejo, retrospectivamente, a experiência que eu e Larissa tivemos no primeiro semestre de 2008 como uma “oportunidade de aprendizagem” grandiosa que contribuiu para que ambas pudéssemos nos posicionar como pesquisadoras-praticantes no atual momento. Esclareço que não tenho intenção de subestimar o que Larissa e eu construímos nas aulas em 2007, ao fazer a asserção anterior. Muito pelo contrário, reconheço e valorizo estes momentos como imprescindíveis para a busca de *entendimentos* e para a construção de novos questionamentos, tais como aconteceram no processo analítico, de minha parte, pelo menos, na presente pesquisa.

Concluo meu pensamento sobre as “oportunidades de aprendizagem” que observei para mim em relação aos excertos acima para dar prosseguimento às microinterações da aula do dia oito de agosto de 2007 abaixo.

5.1.3

Microinteração 3: “*I don’t remember too [sic]*” X “*I don’t remember either*”

Microinteração 3 - 18ª. aula gravada - 8 de agosto de 2007
 Tempo de gravação desde o início da gravação: 24 minutos
 Participantes/Falantes: Andréa e Larissa
 T = turno do falante, L = linha da fala

T	L	Falante	Interações
18	44	Larissa	uh::/ I don’t remember too.
19	45 46 47 48 49	Andréa	◦I don’t remember◦/ ◦((pronúncia americana)) either◦/ ◦or ((pronúncia britânica)) either.../ ok?/ because you’re using negatives/ so we say/ I don’t remember ((pronúncia americana)) either/ I [don’t
20	50	Larissa	[ah/ ok
21	51 52 53	Andréa	remember ((pronúncia britânica)) either/ ok? we cannot say/ “I don’t remember too”/ because I’m using negative.
22	54	Larissa	ok
23	55 56 57	Andréa	ok?/ so I have to say ((pronúncia americana)) either/ or ((pronúncia britânica)) either/ “também não”/ <u>ok</u> / well/ I disagree with you/

	58 59 60 61 62		I think there's a way/ of learning/ a language/ um.../ like the way you said/ using so:ngs/ using whatever movies/ and.../ perhaps the subject/ won't be <u>so</u> / boring/ ok?
24	63	Larissa	ok...
25	64 65 66 67 68	Andréa	all right so/ I'd <u>like</u> to/ discuss this with you/ in- at another moment/ because <u>un</u> fortunately/ I have to [<u>continue</u> /
26	69	Larissa	[hhh]
27	70	Andréa	giving you/ the subjects/ in the <u>book</u>
28	71	Larissa	[((em tom de riso)) I:/: know
27	72 73	Andréa	[right?/ so:/: but I agree with you/ right?/ ok=

5.1.3.1 Minha interpretação: Novos *enquadres*

6) Sexto *enquadre*: corrigindo e ensinando as regras gramaticais

Ao corrigir Larissa (linhas 45 & 46), inicio o *enquadre* do ensino das regras gramaticais da língua inglesa, não atentando ter sido exatamente esta parte do aprendizado de ILE anteriormente criticada por aquela. O novo *enquadre* é marcado pelo foco no uso de estrutura sintática da norma culta da língua (“*I don't remember/ either*”, linhas 45 & 46) (pista de contextualização lingüística) e na utilização de elementos fonológicos, ligados a dois tipos distintos de pronúncia (pista de contextualização para-lingüística) do vocábulo “*either*” (linhas 45, 46, 48, 51, 55 & 56).

Minha correção é seguida de explicitação gramatical (linhas 47, 48, 52, 55 & 56) e até mesmo tradução (“também não”, linha 56), caracterizando uma fala monológica que se estende até o fim da interação. Meu discurso se constrói, assim, em uma metalinguagem típica de grande parte da situação comunicativa de sala-de-aula (Stubbs, 1992, p.106). Esta metacomunicação também pode ser percebida através da minha utilização do verbo “*say*” (linhas 48, 52 & 55) (Stubbs,1992, p.106-

7), uma pista lingüística contribuindo para nossa compreensão do que está se passando naquele momento.

Conquanto Larissa tente reverter a relação assimétrica através de retroalimentadores (“*backchannels*”, em inglês) (“*ah*” & “*ok*”, linhas 50, 54 & 63) e fala sobreposta (linha 50), desejando uma interação mais natural, rapidamente retomo o controle da situação, através da fala ininterrupta (linha 51) ou de fechamentos (linhas 53 & 62), buscando a concordância de Larissa.

7) Sétimo *enquadre*: discordando (?) de Larissa: paradoxo

Após apresentar a explicação tradicional do aspecto formal do idioma, mudo o *enquadre* com o auxílio do marcador “*well*” (linha 57) (pista de contextualização lingüística) para discordar da asserção prévia de Larissa (Microinteração 1, turno 16). Paradoxalmente, defendo o aprendizado do idioma inglês de forma interessante, através da língua em uso (linhas 58-60), após ter ensinado a norma prescritiva de ILE, no *enquadre* anterior. Exercendo minha autonomia crítico-reflexiva no momento, me percebo em uma situação conflitante comigo mesma naquele trecho, uma vez que transito entre um discurso pedagógico conservador e controlador e outro, aparentemente, progressista. Ou seja, digo uma coisa, porém, *pratico discursivamente* outra com Larissa. Esta, por sua vez, tendo agido autonomamente anteriormente, ao refletir sobre o seu aprendizado de ILE e propor uma discussão acerca de outros fatores conectados àquele processo (Microinteração 1) e ao *usar* a língua (linha 44, acima), é por mim criticada e corrigida. Talvez meu comportamento interacional explique o fato de Larissa parecer conformar-se com seu papel passivo, como podemos observar na sua concordância comigo (“*ok...*”, linha 63). Ainda que tenha havido uma breve pausa após o seu “*ok*” (linha 63), Larissa não parece querer “arriscar-se” a dizer mais nada. Aproveitando essa pausa, recupero o piso conversacional, mudando o *enquadre* novamente, como podemos perceber na minha observação “*all right*” (Stubbs, 1992, p.110) (linha 64) - pista de contextualização lingüística.

8) Oitavo *enquadre*: conscientização mútua de Andréa e Larissa de fatores constritivos no exercício pedagógico em que ambas estão envolvidas

Após ter mudado o *enquadre*, minha fala monológica prossegue (turno 25), mesmo quando afirmo querer “discutir” (linha 65) o assunto com Larissa numa outra oportunidade (linha 66). Na realidade, naquele momento não percebi que não havia fomentado a discussão *com* Larissa, mas sim, “despejado” em cima da mesma meu conhecimento da língua inglesa, possivelmente, para manter meu poder institucional.

Contudo, tanto eu quanto Larissa, parecemos ter consciência da existência de uma agenda a ser cumprida, como nossos discursos o atestam (linhas 67, 68, 70 & 71), neste novo *enquadre* que co-construímos. Interessante observar meu uso do advérbio “infelizmente” (“*unfortunately*”, linha 67) ao referir-me à minha obrigação (“*I have to*”, linha 68) de ter que cumprir o programa pré-estabelecido de conteúdos, sinalizando um possível alinhamento com a opinião de Larissa acerca do atual ensino de ILE e remetendo a fatores contextuais e educacionais institucionais de ordem macro. Destaco, adicionalmente, as fortes ênfases nos vocábulos “*unfortunately*” (linha 67) e “*continue*” (linha 68) - pistas de contextualização para-lingüísticas - reforçando a noção do meu possível conflito interior, como afirmei acima (“Sétimo *enquadre*”). Este conflito pode ser observado na minha concordância com Larissa (“*but I agree with you*”, linha 72), criando um sub-*enquadre* dentro do atual e funcionando como um indexador para o “Décimo-primeiro *enquadre*”, mais adiante (Seção 5.1.5 1).

No que diz respeito à possível conscientização de Larissa, a percebo tanto em seu riso (“hhh”, linha 69), quanto em sua entonação de riso (linha 71) em sua asserção “*I know*” (linha 71), ambos pistas de contextualização para-lingüísticas.

Finalizo o turno conversacional através de um elemento de fechamento (“*ok*”, linha 73), porém logo em seguida Larissa inicia o seu turno, como a ausência de pausa o demonstra (linha 73). O que se sucede é algo peculiar que veremos mais adiante, na Seção 5.1.4.

Oriento-me agora para mostrar a voz de Larissa acerca da Microinteração 3, acima.

5.1.3.2

A Microinteração 3 sob o ponto de vista de Larissa

A interpretação de Larissa acerca do que está sendo construído na Microinteração 3 (cf. Seção 5.1.3) é mostrada abaixo, em excertos. Cabe lembrar que a transcrição completa da interação, na qual Larissa nos oferece sua visão sobre aquela microinteração, no encontro que tivemos, pode ser encontrada no Anexo 9.

Encontro com Larissa - 3 de setembro de 2008

Tempo de gravação (digital) desde o início da gravação: 23 minutos e 57 segundos

Participantes/Falantes: Andréa, Larissa

T = turno do falante, L = linha da fala

T	L	Falante	Interações
1	1 2 3 4 5	Larissa	é/ aqui::/ aq-/ eu/ falei/ “I don’t hemem-“/ “remember too”/ and/ é e você:: (2.0)/ me corrigiu assim/ e >eu a-</ é::/ ensinou que nã-/ quando s-/ se fala (n)a negativa/ a gente não fala “too”/ fala/ “((pronunciando o ditongo ‘ei’ como em ‘day’)) either”/ ou “((pronúncia britânica)) either”/ e::/ me ensinou uma regra =
2	6	Andréa	= °sim° =
3	7 8	Larissa	= sem tá/ usando/ o material °assim né?°/ falando entre aspas/ é::/ [e
4	9	Andréa	[como você se sentiu?/ quando eu te corrigi?
5	10 11 12 13	Larissa	... eu senti::/a na-/ na/ não lembro/ como eu senti/ naquela hora.../ mas acho que:: .../ senti como se fosse/qualquer/ em qualquer outra aula/ qualquer outra coisa/ um professor né?/ corrigindo/ um erro/ que você tem.../ não acho que/ eu não lembro/ como eu me senti =
6	14	Andréa	= [uh-huh [((fungando))
7	15 16	Larissa	[mas eu/ acho [que eu/ não fiquei assim/ se-/ chateada/ alguma [coisa assim/ porque/[era uma aula
8	17	Andréa	[uh-huh [()
9	18	Larissa	e tava lá né?/ pra aprender/ °realmente°
10	19 20 21 22 23	Andréa	((em tom de frustração)) °ah°/ ((em tom de frustração)) °sei°.../ quando cê disse/ quando cê falou aqui agora/ “como qualquer outra aula”/ é::/ eu tô en-/ eu tô querendo entender/ o que-/ o que que cê quis dizer assim/ “como qualquer outra aula”/ porque isso é importante pra eu entender/ [tá?
11	24	Larissa	[uh-huh
12	25	Andréa	aí =
13	26 27 28 29	Larissa	= “como qualquer outra aula” assim/ se fosse::/ u::m/ uma outra aula/ de >uma outra< língua/ qua-/ uma outra aula de/ matemática/ de português.../ de história/ de geografia/ que se um aluno fala alguma coisa.../ que não é correta/ o professor/

	30		corrige.../ né?/ dentro da matéria [dele]
14	31	Andréa	[uh-huh° =
15	32	Larissa	= o que f-/ é correto

As observações de Larissa em verde no trecho anterior corroboram minha análise (cf. Seção 5.1.3.1) da Microinteração 3 (cf. Seção 5.1.3), considerando-se alguns aspectos. Primeiramente, Larissa interpretou meu discurso nos turnos 19 e 21, da Microinteração 3 (cf. Seção 5.1.3) como correção e ensino de uma regra gramatical de inglês (cf. turno 1, acima), alinhando-se com o “Sexto *enquadre*” (cf. Seção 5.1.3.1). Em seguida, ela interpreta aquele momento como “uma aula” (turnos 5, 7 & 13), com “um professor” realizando a correção de algo errado (turnos 5 & 13). Todavia, uma das maiores “oportunidades de aprendizagem” para mim, neste momento, no discurso de Larissa é sua afirmação de que “[...] tava lá [...] pra aprender/ realmente” (turno 9). *Aprendo* com essa observação, uma vez que ela cria uma *oportunidade* para que eu perceba como Larissa interpreta aquela situação comunicativa: naquele momento, Larissa se vê como aprendiz de ILE.

Mostro a seguir outro excerto no qual Larissa dá prosseguimento à sua interpretação:

T	L	Falante	Interações
20	38 39	Andréa	e aí você.../ fala.../ o primeiro/ “ok” (2.5)/ aí cê-/ quer fazer alguma observação?/ ou não? (2.5)
21	40 41 42	Larissa	não (3.0)/ aí você fala que::.../ “você acha que::”/ “é possível” né?/ “aprender inglês”/ “da maneira que eu disse::”/ antes “usando le- s-“ é::.../ “filmes músicas” (2.0)
22	43	Andréa	uh-huh/ ((fungando))
23	44	Larissa	aí eu/ falo “ok”...
24	45	Andréa	((risos baixos)) =
25	46 47	Larissa	= ((risadinhas baixas)) (4.0)/ é.../ não vi nada de impo-/ muito importante =
26	48 49 50 51 52 53 54	Andréa	= uh-huh (3.0)/ então quer dizer que aqui/ é::.../ cê disse “I think”/ quando eu digo/ “I think there`s a way of learning a la-“/ “well”/ “I disagree with you”/ “I think there`s a way of learning a language/ “u::m”/ “like the way you said”/ “using so::ngs”/ “using whatever movies a::nd”.../ “perhaps the subject won`t be SO boring”/ “ok?”/ °cê disse o que mesmo?°/ °desculpa°/ °não me lembro mais° ((fungando)).../ cê d-/ fez um comentário agora pouco.../ aqui você::
27	55 56	Larissa	ah que você fala.../ é/ que/ na na/ antes eu tinha dito que/ “eu gostava de usar [o inglês”/ é::

28	57	Andréa	[()
29	58 59 60 61	Larissa	nas/ “ouvindo músicas”/ “vendo filmes”/ e você falou que:: (3.0)/ ah que você fala que/ “você credi-“/ “você acha que tem um jeito de::”/ “usar o in-“/ “aprender”/ “inglês”/ “ouvindo músicas”/ “vendo filmes” =
30	62 63 64	Andréa	= uh-huh.../ entendi (2.5)/ °tá°/ tem mais alguma coisa/ aqui nessa página ((página com a Microinteração 3 usada no encontro))/ que você gostaria de fal::ar/ ()/ ((fungando bem baixo))/ (2.5)
31	65	Larissa	°no°

Prosseguindo com as observações de Larissa salientadas em verde, percebo outra convergência com minha análise (cf. o “Sétimo *enquadre*”, Seção 5.1.3.1) da Microinteração 3, nos turnos 21, 27 e 29, acima. Sendo assim, no turno 21, Larissa também relata minha fala, na qual eu afirmo ser possível aprender inglês de outro modo, como ela havia dito anteriormente (cf. Microinteração 3, Seção 5.1.3). Nos turnos 27 e 29 acima, ela comenta sobre minha fala no turno 23, Microinteração 3, de que eu acredito ser possível aprender inglês ouvindo músicas, vendo filmes, exatamente como ela gostava de usar o inglês (turno 14, Microinteração 1, Seção, 5.1.1). Novamente, Larissa, alinha-se, com a minha análise do mesmo trecho (cf. Seção 5.1.3.1).

Por outro lado, percebo a divergência da opinião de Larissa da minha, no tocante à análise que fiz da Microinteração 3 (cf. Seção 5.1.3.1), no seu comentário ressaltado em vermelho, no trecho anterior (turno 25). Em outras palavras, ao analisar meu comportamento interacional nos turnos 19, 21, 23 e até no 25, na Microinteração 3, surpreendi-me com a forma pela qual pareci ter utilizado a língua como instrumento de controle em sala-de-aula e para realizar um metadiscorso (cf. Seção 5.1.3.1). Larissa, no entanto, ao nos oferecer sua interpretação neste momento, não parece ter “vi[sto] nada de [...] muito importante” (turno 25) acontecendo na Microinteração 3. Essa *oportunidade*, que vejo como *aprendizagem*, corrobora o aspecto idiossincrático do processo interpretativo exploratório, no qual as visões de mundo das participantes pesquisadoras-praticantes - eu e Larissa - são singulares, complexas e, por vezes, conflitantes.

A seguir, mostro a Microinteração 4, da aula selecionada de 2007.

5.1.4

Microinteração 4: “*And you... do you like learning English?*”

Microinteração 4 - 18ª. aula gravada - 8 de agosto de 2007

Tempo de gravação desde o início da gravação: 25 minutos

Participantes/Falantes: Andréa e Larissa

T = turno do falante, L = linha da fala

T	L	Falante	Interações
27	72 73	Andréa	[right?/ so::/ but I agree with you/ right?/ ok =
28	74	Larissa	= and you.../ do you like/ learning English?
29	75	Andréa	I [like learning
30	76	Larissa	[()
31	77	Andréa	sorry =
32	78	Larissa	= é::/ no ok

5.1.4.1

Minha análise: Novos *enquadres*

9) Nono *enquadre*: recuperando o piso conversacional

O novo *enquadre* se inicia com a combinação do fechamento do meu discurso prévio (“ok =”, linha 73) e da ausência de pausa entre a minha fala (linha 73) e a de Larissa (linha 74). Ou seja, esta parece adotar uma postura mais ativa, buscando um equilíbrio na interação e recuperando o piso conversacional, como as pistas de contextualização lingüística (“ok”, linha 73) e para-lingüística (ausência de pausa, linhas 73 & 74) sinalizam. Logo após, Larissa faz uma indagação peculiar...

10) Décimo *enquadre*: revertendo os papéis

Ao indagar se eu gostava de *aprender* inglês (linha 74), poder-se-ia dizer que Larissa consegue reverter a assimetria predominante em quase todo o evento comunicativo (desde o início, na Microinteração 1) até aquele momento e construir um novo *enquadre* para nosso encontro socio pedagógico. É ela agora quem parece controlar o turno conversacional, sugerindo ser a entrevistadora/pesquisadora/professora, aquela que faz a pergunta (linha 74) e que

comenta (linhas 76 & 78) após a minha réplica (linha 77). Ademais, é ela quem parece “lutar” para manter o controle da situação comunicativa, através da fala sobreposta (linha 76), logo seguida de uma elocução (incompreensível) (linha 76) e por meio da fala contígua (linha 78) à minha (linha 77).

A pergunta torna-se ainda mais singular pela escolha lexical (pista de contextualização lingüística) utilizada por Larissa: “*learning*” (“aprender”) (linha 74). Poderíamos inferir, então, que a utilização deste verbo confirma a reversão dos nossos papéis na interação. Em outras palavras, era de se esperar que Larissa usasse o verbo “*teaching*” (“ensinar”) ao fazer-me a pergunta, considerando-se o meu comportamento interacional controlador desde o começo do encontro pedagógico (Microinteração 1) e o meu papel institucional como sua professora. Conseqüentemente, ao analisar este trecho (sem prévia consulta à Larissa, como posteriormente o fiz, no encontro), **parece(u)-me que a autonomia de Larissa atingira o ápice, naquele momento, ao trocar de papel social comigo, discursivamente.** Para corroborar esta visão, sustento-me na minha réplica à Larissa (linha 75), uma vez que “aceito” meu novo papel e me co-construo uma praticante, interacionalmente, com Larissa. Destarte, sou eu quem “aprendo” agora, como minha preferência pelo verbo “*learning*” (linha 75) o atesta. **Rejubilo-me, portanto, naquele instante ao ter encontrado “espaço” para construir-me como uma aprendiz, resolvendo meu conflito interior mencionado acima (Seção 5.1.3.1)!**

Cedo, momentaneamente, a palavra à Larissa sobre o que está se co-construindo na Microinteração 4. Logo após, mostro a Microinteração 5, na qual poderemos observar a continuação da minha resposta à Larissa.

5.1.4.2

A interpretação de Larissa acerca da Microinteração 4

A seguir, encontram-se trechos da interação na qual Larissa interpreta a Microinteração 4, no encontro que tivemos. No Anexo 10, o leitor encontrará a transcrição integral daquela interação.

Encontro com Larissa - 3 de setembro de 2008
 Tempo de gravação (digital) desde o início da gravação: 28 minutos e 9 segundos
 Participantes/Falantes: Andréa, Larissa
 T = turno do falante, L = linha da fala

T	L	Falante	Interações
1	1 2	Andréa	por que/ você fez mesmo/ essa ((referindo-se à pergunta “and you.../ do you like/ learning English?”)) pergunta/ pra mim?...
2	3 4	Larissa	eu acho/ que tava no livro.../ eu num lembro/ mas eu acho/ que tava no livro...
3	5	Andréa	então/ foi por que/ tava no livro?
4	6	Larissa	acho que sim/ né? =
5	7 8 9 10 11	Andréa	= ◦((em tom de frustração)) é?◦/ ((fungando))/ ah/ e >como é<?/ >como é que foi feita<?/ essa pergunta? (3.0)/ ((apontando para a pergunta “and you.../ do you like learning English?”)) aqui (3.0)/ quero dizer o seguinte/ é:./ >o que que cê</ falou?/ como é que cê perguntou?/ assim.../ qual foi a pergunta? (2.0)
6	12	Larissa	“and you?”/ “do you like”/ “learning English?”...
7	13	Andréa	uh-huh
12	21 22 23	Larissa	é.../ mas assim/ eu não lembro/ exatamente/ como eu falei.../ também num lembro::.../ se na hora >(eu) pensei< alguma coisa antes de fazer [a pergunta
13	24 25	Andréa	[hu::m.../ é(m)/ voc-/ quem que tava fazendo:./ esse exercício com você?...
14	26	Larissa	((em tom de surpresa)) você

Indubitavelmente, uma das maiores oportunidades de aprendizagem e de entendimentos para mim, na presente pesquisa, foi a interpretação de Larissa acerca de ter me indagado “And you... do you like learning English?” (cf. turno 28, Microinteração 4, Seção 5.1.4)! Destarte, salientei em vermelho os seus comentários no trecho anterior (turnos 2 & 4), uma vez que eles divergem da minha análise sobre o mesmo questionamento (cf. o “Décimo enquadre”, Seção 5.1.4.1). Ainda que Larissa não pareça se lembrar se a pergunta “[es]tava no livro” (turno 2), ela já anuncia a razão para aquela indagação, para, mais adiante, ratificar seu ponto de vista - como veremos em breve, no próximo trecho. Outra divergência em relação à minha análise que percebo é sua afirmação de não se lembrar se na hora de fazer a pergunta a mim, Larissa havia pensado em algo antes (turno 12). Cabe lembrar que sob o meu ponto de vista acerca daquele questionamento, Larissa pareceu haver refletido criticamente, construindo-se, autonomamente, como uma praticante, ao ver em mim, uma aprendiz de ILE também (cf. o “Décimo enquadre”, Seção 5.1.4.1).

Vejamos a visão de Larissa em outro excerto:

T	L	Falante	Interações
24	40	Larissa	°ah° (3.0)/ eu fiz porque eu tinha/ que fazer/ tava no livro pra fazer=
25	41	Andréa	= cê tinha/ que fazer? =
26	42	Larissa	= eu acho que tinha/ acho que/ tava no livro sim
27	43	Andréa	uh-huh...
28	44	Larissa	eu num lembro/ mas tava (3.0)

Ressaltei as observações de Larissa em vermelho acima (turnos 24, 26 & 28) por entender que elas confirmam o motivo de ela ter realizado a pergunta “*And you... do you like learning English?*” (cf. Microinteração 4, Seção 5.1.4), como sendo pelo fato da pergunta estar no livro didático. Lembro ao leitor que esta indagação fazia parte de um exercício de pergunta e resposta no material pedagógico que Larissa e eu usávamos, em 2007 (cf. Seção 5.1). *Aprendo*, novamente, com esta *oportunidade* por mim percebida, interacionalmente. Sendo assim, a interpretação de Larissa, divergente, mais uma vez, da minha, contribui, tanto para o enriquecimento do processo analítico, quanto para a co-construção de *entendimentos* na atual investigação.

Abaixo, mostro outro trecho, no qual Larissa prossegue com seu processo interpretativo:

T	L	Falante	Interações
31	52	Andréa	= °isso daí°/ °ela tava no livro° =
32	53	Larissa	= NÃO eu tô FALANDO/ “ela tava no livro” assim
33	54	Andréa	não a-/ [desculpa
34	55	Larissa	[pra-/ [mim
35	56	Andréa	[isso a-[ela tava no livro
36	57	Larissa	[te perguntar também
37	58	Andréa	ah/ tá
38	59 60	Larissa	também/ acho que e-/ era: (2.0)/ u::m/ um exercício que você tinha que me perguntar/ e depois eu tinha/ que perguntar/ não[lembro
39	61 62	Andréa	[era/ era um exercício/ de pair work
40	63	Larissa	ah [então
41	64	Andréa	[era

42	65	Larissa	então era pra mim [<i>sic</i>]/ te perguntar também.
43	66	Andréa	então foi por isso/ que você fez a pergunta?...
44	67	Larissa	acho que sim
45	68	Andréa	o((em tom de frustração)) ahº/ [(((riso de embaraço)))]

Complementando minha *oportunidade de aprendizagem* iniciada no início desta seção, percebo nas observações de Larissa em vermelho acima (turnos 32, 34, 36, 38 40, 42 & 44), outro motivo para ela ter me indagado se eu gostava de aprender inglês. **Em suma, como a pergunta estava no livro (turno 32) e fazia parte de uma atividade em dupla, de pergunta e resposta (turno 38), Larissa interpreta que ela tinha que me perguntar também (turnos 40, 42 & 44)!** Vejo no processo interpretativo de Larissa, neste momento, divergente do meu, outra oportunidade grandiosa de co-construirmos maiores *entendimentos*, na presente pesquisa exploratória. Ademais, percebo a democratização da contribuição da minha análise e da interpretação de Larissa, como pesquisadoras-praticantes, trabalhando para entendermos nossa qualidade de vida em nossa prática socio-educativa.

Mostro a Microinteração 5, da aula escolhida de 2007, a seguir.

5.1.5

Microinteração 5: “*I like learning English exactly the way you said*”

Microinteração 5 - 18ª. aula gravada - 8 de agosto de 2007
 Tempo de gravação desde o início da gravação: 27 minutos
 Participantes/Falantes: Andréa e Larissa
 T = turno do falante, L = linha da fala

T	L	Falante	Interações
32	78	Larissa	= é::/ no ok
33	79	Andréa	uh-huh/ yes
	80		I like learning English/ exactly the way you said/
	81		going to the movies/ listening songs.../
	82		um.../ in English.../
	83		but.../ when I started learning English/
	84		things were/ different from/ way-/ the way/ they are today/
	85		so.../ we had to do LOTS/ of/ <u>written</u> / exercises.../
	86		and/ we had to do/ lots of repetition/
	87		at that time/
	88		oral repetition/
	89		and/ I thought it was <u>boring</u> /

	90		much I-/
	91		I don't know.../ <u>very</u> boring/
	92		and even when the-/ the method/ changed.../
	93		because I/ first started studying at ccaa/
	94		and then I went to/ ibeu.../ right?
	95		>but even then< at ibeu/
	96		I thought it was boring/ not only because of the teacher/
	97		again/ not only because-/ but/ because I had/
	98		it was a-/ a <u>routine</u> / I had to go there/ twice a week/
	99		um.../ at that ti::me/ sometimes I was/ very ti::red/
	100		and/ the teacher <u>had</u> / to do some exercises/ in the book so.../
	101		I understand it was boring-/
	102		<u>mostly</u> / because of these things/ right?/ and I-/
	103		of course/ it depends on the teacher too/
	104		because if the teacher isn't/ dynamic/ doesn't-/ doesn't do/ things/
	105		differently/ I think/ the class is going to be/ very boring.../
	106		u::h/ about/ a couple of/ years ago...
	107		a couple or/ three years ago
	108		I decided/ I wanted to study Spanish.../
	109		I had <u>never</u> / studied Spanish/
	110		and/ it-/ it was/ just after (I) returned/ from a trip/ to Argentina.../
	111		and then I uhm/ started studying Spanish/
	112		and I was <u>very</u> lucky/ because the teacher was EXCELLENT/
	113		he was very dynamic/
	114		(we've)/ (we) used to do/ lots of things
	115		not using the book/ ba/ b(l)a/ bla/
	116		so it-/ it was <u>very</u> / good/
	117		I learnt/ a lot/ but/ I also learnt the ru::les.../
	118		((emitindo os próximos sons ininterruptamente)) (a) (nã nã nã nã nã)/
	119		<u>but</u> / not/ the teacher/ was not telling/ US/ the rules/
	120		((emitindo os próximos sons ininterruptamente)) (a a a a a a)/
	121		the teacher was trying.../ to make us/ understand the rules/
	122		in another way
34	123	Larissa	°ok°
35	124	Andréa	ok but-/ we had/ to learn the rules.../ right?/((fungando baixo))/
	125		I don't know/ this is what I think/ right? =
36	126	Larissa	= [°ok°
37	127	Andréa	[((fungando))

5.1.5.1

Minha interpretação: Novos *enquadres*

11) Décimo-primeiro *enquadre*: alinhando-me com Larissa como aprendiz de inglês

Após ter-me construído como aprendiz de inglês no “Décimo *enquadre*” (Seção 5.1.4.1), alinho-me com Larissa como aprendiz daquele idioma, ao concordar com a opinião da mesma no tocante à minha aprendizagem de inglês (linhas 80 a 82). Assim o faço através de minha construção sintática assertiva (“*I like learning English/ exactly the way you said*”, linha 80) e de minha seleção lexical (“*like*”, “*learning English*”, “*exactly*”, linha 80). Estes elementos funcionam, desse modo, como indexadores na construção deste novo *enquadre*, o qual remete àquele em que Larissa havia afirmado gostar de inglês e não gostar de aprender inglês (Seção 5.1.1.1), para, mais adiante, “[no] terceiro *enquadre*” (Seção 5.1.1.1), ela esclarecer que gosta(va) de usar a língua inglesa, porém desgosta(va) de aprender a(s) norma(s) prescritiva(s) da mesma.

Contudo, as pressões atuando no evento socio-educativo no qual eu e Larissa estamos envolvidas parecem explicar a brevidade do atual *enquadre*, uma vez que introduzo uma discordância (linha 83), mudando o *enquadramento* da situação novamente. Elaborarei acerca deste mais adiante para incluir uma observação pertinente em relação ao que acredito que está em construção ainda no presente *enquadre*. Lembro ao leitor, então, que minha face (Goffman, 1967) havia se exposto anteriormente, desde o início de toda a interação (Microinteração 1, Seção 5.1.1). Portanto, oscilo entre manter minha posição institucional tradicional e co-construir-me interacionalmente como uma praticante exploratória, uma “aprendiz (de inglês)”, com Larissa. Esta, por sua vez, parece não querer recuperar o piso conversacional, pois realizo diversas pausas (linhas 81, 82 & 83) em meu discurso, as quais permitiriam a sua intervenção, buscando um equilíbrio interacional. Dessa forma, encorajada pela aparente “omissão” discursiva de Larissa, dou prosseguimento à minha narrativa, iniciando um novo *enquadre*, como veremos a seguir.

12) Décimo-segundo *enquadre*: um relato de experiência para justificar um alinhamento atual

Utilizando-me de um marcador (“but”, linha 83), inicio um novo *enquadramento* interacional, tecendo uma narrativa de experiência enquanto aluna de ILE (linhas 83 a 102) e, mais adiante, como aprendiz de ELE⁷⁴ (linhas 106 a 122). A construção deste novo *enquadre* também se faz através do meu uso do tempo verbal passado, uma pista de contextualização lingüística sinalizando um relato passado (“*started*”, linhas 83, 93 & 111; “*were*”, linha 84; “*had*”, linhas 85, 86, 97, 98 & 100; “*thought*”, linhas 89, 96; “*was*”, linhas 89, 96, 98, 99, 101, 110, 112, 113, 116 & 119; “*changed*”, linha 92; “*went*”, linha 94; “*decided*”, “*wanted*”, linha 108; “*had studied*”, linha 109; “*returned*”, linha 110; “*used*”, linha 114; “*learnt*”, linha 117 e “*was trying*”, linha 121).

Minha narrativa, naquele momento, parece funcionar como um argumento para justificar minha visão acerca do processo de ensino-aprendizagem de ILE e de outras LEs (turnos 33 & 35). Esta narrativa argumentativa é reforçada pela combinação do uso de diversos elementos lingüísticos (ítems 1 & 2, abaixo) e para-lingüísticos (ítems 3& 4, abaixo), *viz.*:

- 1) repetição de estruturas sintáticas (“*we had to do LOTS/ of*”, linha 85 & “*we had to do/ lots of*”, linha 86; “*but/ I also learnt the ru::les*”, linha 117 & “*but-/ we had/ to learn the rules...*”, linha 124);
- 2) emprego de algumas palavras e/ou expressões, tais como “*written exercises*” (linha 85), “*repetition*” (linhas 86 & 88) e “*the rules*” (linhas 117, 119 & 124);
- 3) forte ênfase no volume do vocábulo “*LOTS*” (linha 85);
- 4) acento no volume de algumas palavras ou sílabas: “*written*” (linha 85), *had* (linha 100).

⁷⁴Espanhol como língua estrangeira.

Cito, ademais, minha escolha pelo pronome “nós” (“we”, linhas 85 & 86), como uma provável estratégia discursiva para incluir-me no conjunto de alunos, suavizando minha apropriação como sujeito do discurso. Não era eu, somente, quem tinha que fazer exercícios escritos e repetições, na época do meu aprendizado formal do idioma inglês. Éramos todos nós, meus colegas e eu.

Em resumo, todos os elementos acima descritos sinalizam meu alinhamento com a necessidade de se estudar/aprender o aspecto formal de qualquer idioma estrangeiro, concomitantemente com o seu uso. Podemos observar, portanto, a sobreposição dos papéis que são construídos interacionalmente: fui/sou aprendiz de inglês e de espanhol, ao mesmo tempo em que sou professora de ILE e pesquisadora. Faço uso de uma experiência passada como aluna para, talvez, paradoxalmente, justificar meu atual papel institucional e, quiçá, ainda, o papel de Larissa como aprendiz, naquele evento pedagógico e social.

13) Décimo-terceiro *enquadre*: realinhando-me com Larissa

É dentro desta complexa e emaranhada rede de relações inter- e intra-subjetivas que percebo a construção de um novo *enquadramento*, ao me realinhar com Larissa, enquanto (ex)aluna de inglês, admitindo que o meu aprendizado daquele idioma também fora “chato” (linha 89). Cabe lembrar que esta asserção feita por Larissa aconteceu na Microinteração 1 (Seção 5.1.1). Vejo, contudo, este novo *enquadre* acontecer dentro do “Décimo-segundo *enquadre*”, exemplificando a complexidade mencionada acima e as constantes tensões presentes em qualquer relacionamento social e humano.

Tendo me realinhado com Larissa (linha 89), reforço esse posicionamento como as pistas de contextualização apontam, a seguir. Primeiramente, utilizo a repetição do adjetivo “*boring*” (linhas 89, 91, 96, 101 & 105), inclusive com ênfase (pista de contextualização para-lingüística) dada à primeira sílaba do adjetivo (linha 89) ou ao advérbio de intensidade (“*very boring*”, linha 91) que acompanha o mesmo. Em segundo lugar, reconheço a existência de uma rotina a ser cumprida (linha 98), sinalizando uma provável conexão entre esta e o sentimento de enfado (“*boring*”) que

as aulas de inglês imprimiam em mim, enquanto aprendiz formal do idioma. Dessa forma,

busco na memória minha experiência de já ter sido aprendiz de ILE, confirmando meu reposicionamento com Larissa e realizando um metadiscorso.

Após uma breve pausa (linha 105), inicio o próximo *enquadre*, dando prosseguimento ao meu monólogo interacional.

14) Décimo-quarto *enquadre*: meu relato de experiência como aprendiz de ELE

Da mesma forma que o *enquadramento* anterior, percebo o atual inserido no meu relato de experiência como um todo (ver “Décimo-segundo *enquadre*”, esta seção). O que parece diferenciá-lo do imediatamente anterior é o tópico conversacional predominante, apontando para minha bem-sucedida aprendizagem de ELE.

Após hesitar (linha 106) momentaneamente, introduzo, então, este novo *enquadre* situando minha experiência temporalmente (linhas 106 & 107), através de um acontecimento mais recente. Aproprio-me do discurso através da utilização do pronome em primeira pessoa “I” (linhas 108 a 112; 117) e busco um motivo para o meu interesse em aprender aquele idioma (“*I decided/ I wanted to study Spanish...*”, linha 108 e “*and/ it-/ it was/ just after (I) returned/ from a trip/ to Argentina...*”, linha 110).

Para reforçar minha bem-sucedida aprendizagem de ELE, reconheço a excelência e o dinamismo do professor de espanhol (linhas 112 & 113), como a forte ênfase dada ao vocábulo (“*EXCELLENT*”, linha 112) - uma pista de contextualização para-lingüística - o demonstra. Todavia, afirmo ter aprendido a norma prescritiva daquele idioma (linhas 117, 119, 121, 122 & 124), “também” (“*but/ I also learnt the ru::les...*”, linha 117), resgatando meu alinhamento comigo mesma (um *enquadre* dentro de outro), ao remeter à idéia da conjugação do aspecto formal e do informal de uma língua (cf. “Décimo-segundo *enquadre*”, acima e, por que não dizer, “Sexto *enquadre*”, Seção 5.1.3.1). Dou continuidade à minha narrativa de sucesso enquanto

aprendiz de ELE, até o término deste *enquadre*, como podemos ver pela utilização da construção sintática “*ok but-/ we had/ to learn the rules.../ right?*” (linha 124).

15) Décimo-quinco *enquadre*: reenquadre do sistema regulador da língua

Concluo meu discurso assertivamente defendendo a inclusão das regras de gramática (linhas 124 & 125) no ensino/aprendizado de qualquer idioma, concomitantemente com o uso da língua. Dessarte, realizo, discursivamente o *reenquadre* do sistema regulador da língua feito anteriormente (como afirmo no parágrafo anterior).

Larissa, por sua vez, mantém-se como uma ouvinte de todo aquele relato de experiência, por toda a interação (Microinteração 5). Finalmente, ela parece tentar reassumir o piso interacional (linha 123), como praticante que fora antes (ver “Décimo *enquadre*”, Seção 5.1.4.1), porém é desencorajada pelo meu discurso de fechamento (linhas 124 & 125).

Finalizo aqui minha interpretação acerca do excerto acima para incluir a visão de Larissa sobre o mesmo trecho. Cabe ressaltar, ainda, que esta parte da minha análise e da de Larissa (a seguir) resumem, por assim dizer, o que pensamos estar acontecendo nos momentos selecionados no conjunto de interações, “*And you... do you like learning English?*”, conforme eu havia afirmado no início deste capítulo (Seção 5.1).

5.1.5.2

A Microinteração 5 sob o ponto de vista de Larissa

Nos trechos que se seguem, Larissa narra sua interpretação acerca do que está se passando na Microinteração 5 (cf. Seção 5.1.5). Cabe lembrar que estes excertos foram recortados da interação do encontro que eu e Larissa tivemos, em 2008 e que a interação é mostrada integralmente no Anexo 11.

Encontro com Larissa - 3 de setembro de 2008
 Tempo de gravação (digital) desde o início da gravação: 31 minutos e 22 segundos
 Participantes/Falantes: Andréa, Larissa
 T = turno do falante, L = linha da fala

T	L	Falante	Interações
1	1 2	Larissa	cê também fala que::.../ cê fala que “você gostava”/ “gosta”/ “de aprender inglês”/ “do jeito que eu falei tam-“/ -bém”né? =
2	3	Andréa	= uh-huh
3	4	Larissa	“vendo filme”/ “escutando músicas” =
4	5	Andréa	= uh-huh
5	6	Larissa	“quando você fazia o curso”.../ “você também achava/ “meio chato”
6	7	Andréa	uh-huh
7	8 9	Larissa	“depois a metodo-“/ “-logia mudou”/ “porque você mudou de curso mas-“/ “também era”/ “era chato porque”/ “era uma rotina”
8	10	Andréa	uh-huh
9	11 12	Larissa	“você tinha que ir”/ “duas vezes por sema::na”.../ “fazer os exercí::cios”
10	13	Andréa	uh-huh

A interpretação de Larissa acima converge com minha análise da Microinteração 5 sob dois aspectos. O primeiro deles diz respeito ao fato de Larissa interpretar minha fala nas linhas 80, 81 e 82 (turno 33), na Microinteração 5 (cf. Seção 5.1.5) como um alinhamento com a sua afirmação anterior, de gostar de aprender inglês assistindo filmes e ouvindo músicas (cf. turno 14, Microinteração 1). Podemos observar este primeiro aspecto nos comentários de Larissa em verde, nos turnos 1 e 3, no excerto anterior, comparando-os com a minha interpretação na Seção 5.1.5.1 (“Décimo-primeiro *enquadre*”).

O segundo aspecto relaciona-se às observações de Larissa nos turnos 5, 7 e 9, acima, já que elas ratificam a ideia de eu também ter considerado o meu aprendizado formal de ILE enfadonho e fazendo parte de uma rotina, alinhando-me com Larissa, enquanto aprendiz do mesmo idioma (cf. Seção 5.1.5.1, “Décimo-terceiro *enquadre*”). Lembro ao leitor que ressaltai esses comentários de Larissa por ter percebido neles *oportunidades de aprendizagem* para mim, na presente pesquisa.

Larissa prossegue com sua interpretação no excerto abaixo:

T	L	Falante	Interações
27	39 40 41	Larissa	é terminou::.../ você dizendo que::.../ “voCÊ”/ “aprendeu::...”/ “o espanhol com um professor...”/ “que ensinava as regras”/ “mas-“/ “que não era::”/ “de um jeito tradicional”
28	42	Andréa	uh-huh
29	43 44 45	Larissa	e que::.../ “pra-“/ “é.../ que/ “a respeito de >aprender< as regras...”/ é que “você acha que...”/ “a respeito de aprender as regras”/ “eu concordo”
30	46 47	Andréa	°quem?°/ pera aí/ “eu concordo”/ aqui eu quem?/ ((risinho baixo e curto))
31	48	Larissa	>“eu eu”<
32	49	Andréa	ah você/ você/ Larissa/ concorda?
33	50	Larissa	é/ [eu/ quer dizer/ eu falo “ok” né?/ eu acho que eu concordo (2.0)
34	51	Andréa	[ah
35	52	Larissa	bem =
36	53	Andréa	= você concorda?...
37	54 55 56	Larissa	°concordo° (2.0)/ hoje/ na na na >época eu<.../ n-/ quando isso começou.../ eu não sei se eu entendia muito-/ não/ eu não entendia muito bem/ assim...

Percebo nas observações de Larissa em verde no trecho anterior, uma convergência com minha análise, quando ressaltai a importância de se aprender, também, as regras gramaticais de um idioma estrangeiro, ao narrar minha experiência enquanto aprendiz de ELE (cf. “Décimo-quarto” e “Décimo-quinto *enquadre[s]*”, Seção 5.1.5.1). No entanto, percebo no comentário de Larissa em azul (turno37, linha54) acima, uma grande *oportunidade de aprendizagem*, para mim, que dará ensejo para muitos *entendimentos* no excerto seguinte. Em outras palavras, Larissa, atualmente, “concorda” com a ideia da necessidade do aprendizado da norma prescritiva de ILE. Não seria, então, tal afirmação uma corroboração de sua própria interpretação do seu “ok” (cf. turnos 34 & 36, Microinteração 5, Seção 5.1.5), como ela havia dito no turno 33, acima? Para compreendermos melhor este aparente paradoxo, vejamos o que Larissa comenta, a seguir:

T	L	Falante	Interações
36	53	Andréa	= você concorda?...
37	54 55 56	Larissa	°concordo° (2.0)/ hoje/ na na na >época eu<.../ n-/ quando isso começou.../ eu não sei se eu entendia muito-/ não/ eu não entendia muito bem/ assim...
38	57	Andréa	você concorda aqui/ quando cê fala “ok”?
39	58	Larissa	aqui?
40	59	Andréa	é
41	60 61	Larissa	nessa época.../ eu não sei se eu-/ e-/ eu acho que.../ eu falei “o-”/ “-k” mas eu [não/ tinha certeza =
42	62	Andréa	[uh-huh
43	63	Larissa	= se eu concordava =
44	64	Andréa	= por que que?/ cê falou então?/ “ok”
45	65 66	Larissa	ah/ eu não ((em tom de riso embaraçado)) sei/ ((riso baixo e curto))/ porque::...
46	67	Andréa	fala o que cê pensa (2.0)
47	68 69	Larissa	porque aqui/ eu ainda/ eu num-.../ acho que eu não quis/ prolongar muito isso =
48	70	Andréa	= uh-huh
49	71	Larissa	né?.../então eu preferi falar “ok”/ pra:: =
50	72	Andréa	por que que/ cê não queria prolongar?...
51	73 74	Larissa	acho que e(ra) mais uma questão de::/ de::/ pra não ter.../ que ficar falando em inglês...
52	75	Andréa	((em tom de surpresa)) °é?° =
53	76	Larissa	= é./ ((riso baixo e curto))...

Percebi, nas observações de Larissa em vermelho acima (turnos 41, 43, 47 & 51), uma *oportunidade* singular de *aprendizagem*, já que esta contribuiu para os meus *entendimentos* na investigação atual. Larissa interpreta o seu “ok” nos turnos 34 & 36 da Microinteração 5 (Seção 5.1.5) como o seu desejo de tanto não querer prolongar o diálogo comigo (turno 47) na Microinteração 5, quanto não “ter que ficar falando em inglês” (turno 51) naquele momento. Dessarte, sua visão diverge da minha análise, uma vez que eu havia interpretado o seu “ok” (linha 123, turno 34, Microinteração 5, Seção 5.1.5) como uma tentativa de Larissa reassumir o controle da interação (cf. o “Décimo-quinto *enquadre*”, Seção 5.1.5.1). Ademais, ela diverge da interpretação da própria Larissa, nos turnos 29 e 33, no segundo trecho, nesta seção. Constatamos, assim, a complexidade e dinâmica do processo interpretativo exploratório, não somente em relação às visões de mundo minha e de Larissa, como também no que diz

respeito aos diferentes posicionamentos da própria Larissa, acerca de um determinado aspecto.

No excerto abaixo, Larissa dá prosseguimento à sua interpretação:

T	L	Falante	Interações
55	78 79 80 81 82	Larissa	= é. (3.0)/ mas assim/ <u>hoje/ eu::/ hoje/ eu concordo com isso</u> (2.0)/ e::/ e-/ até uma questão.../ foi engraçado a gente começar a fazer/ essa coisa/ °esse-°/ essa pesquisa/ esse trabalho.../ e a::/ na escola.../ esse semestre.../ no início >desse semestre ⁷⁵ </ a gente começou estudando/ em (<u>despe</u>)...
56	83	Andréa	°o que que é isso?°
57	84	Larissa	é uma matéria.../ lá da escola/ é::/ didática::
58	85	Andréa	°es-°/ °[pecial?°
59	86	Larissa	[de ensino/ é especial[...
60	87	Andréa	[°hã::°
61	88	Larissa	alguma coisa =
62	89	Andréa	= °hã:°...
63	90	Larissa	e aí/ a gente estudou as <u>tendências</u> .../ é tendência tradicio[nal =
64	91	Andréa	[hã::
65	92	Larissa	= tendências renovadas/ ten- =
66	93	Andréa	= °hã:°
67	94 95 96 97 98	Larissa	e eu fiz a-/ a tendência-/ era um trabalho/ que você tinha que::/ DAR aula sobre as tendências.../ e eu fiz >sobre a< renovada progressista.../ e::/ pr-/ de-/ -monstrar também o >negó- das-<.../ é tendências.../ e vi algumas das >coisas assim</ que <u>vo-</u> / cê falava.../ sobre a pesquisa ⁷⁶ ...
68	99	Andréa	°uh-huh°...

Larissa, no presente momento, compartilha da ideia do aprendizado das regras gramaticais de ILE ao mesmo tempo em que usamos a língua, como podemos ver no seu comentário em azul acima (turno 55, linha 78). Portanto, vejo, em sua observação, um alinhamento com minha análise (cf. “Décimo-quinto *enquadre*”, Seção 5.1.5.1) e uma mudança de opinião de Larissa no tocante àquilo que ela pensava, em 2007. Ao longo da interação, Larissa prossegue narrando sobre as filosofias educacionais que ela estudou, no segundo semestre de 2008, afirmando que isso ajudou-a na percepção de alguns aspectos na pesquisa passada (Lordello L., 2008), como podemos ver nos turnos 55, 57, 63, 65 e 67. Percebo, em todo o discurso

⁷⁵Segundo semestre de 2008.

⁷⁶Ela se refere à pesquisa anterior, na qual eu e ela participamos também (Lordello L., 2008).

de Larissa no excerto anterior, uma *oportunidade de aprendizagem* contribuindo para o meu *entendimento* da sua modificação de sua visão de mundo, atualmente.

Vejamos o que Larissa diz, a seguir:

T	L	Falante	Interações
112	183 184 185 186 187	Andréa	= °entendi°.../ °entendi°.../ °tá°/ Larissa/ é::.../ quero só retomar/ isso aqui/ huh/ quando cê fala assim “a::h”/ é o/ “eu falei ‘ok::’”/ e/ “mas eu não me lembro se eu tava concordando”/ né?/ quando cê fala “ok”/ “(é) que eu num queria estender muito”/ “eu num queria falar muito”/ “em inglês”
113	188	Larissa	é. =
114	189	Andréa	= né?/ cê falou alguma coisa assim/ agora há pouco
115	190	Larissa	uh-huh
116	191 192 193	Andréa	é::/aí eu queria te perguntar o seguinte/ é:: (2.0)/ vo-/cê-/ você acha/ que você tava/ <u>mais</u> concordando/ ou <u>menos</u> concordando/ com o que eu tava falando? (2.0)
117	194 195 196 197 198 199 200 201	Larissa	eu acho que:: (2.0)/ eu-.../ eu acho que eu entendi/ o que você falou.../ mas era uma coisa assim/ >que eu<.../ não tinha experimentado.../ então não.../ sabia se-/ realmente dava certo/ eu não tinha.../ nenhum conhecimento naquela.../ naquela.../ época.../ como eu tenho hoje/ >que eu estudei as tendências<.../ e::/ num sei/ eu acho que.../ verdadeiramente/ eu num tava concordando/ porque eu/ pensava que:: (2.0)/ aque::le/ era o único jeito assim/de você/ aprender alguma coisa (2.0)

No turno 117, linhas 199 a 201, acima, Larissa interpreta o seu “ok” (cf. linha 123, turno 34, Microinteração 5, Seção 5.1.5) como uma discordância em relação ao meu discurso da importância do aprendizado da norma prescritiva do ILE (cf. Microinteração 5). *Aprendo*, então, com esse seu comentário, ao perceber nele, uma divergência no que tange à análise que eu havia feito daquele mesmo “ok” (cf. o “Décimo-quinto *enquadre*”, Seção 5.1.5.1). Vejo, novamente, na observação de Larissa, uma grande oportunidade para o meu *entendimento* do que se passou na aula de 2007.

Essas *oportunidades* continuam a serem co-construídas, como podemos ver no trecho abaixo, na voz de Larissa:

T	L	Falante	Interações
118	202 203	Andréa	uh-huh.../ é::/ e como-/ falei isso aqui/ pra você.../ independente de/ você naquela época/ ter o conhecimento/ e depois você

	204 205 206 207 208 209		aprendeu/ sobre metodologia/ o que que cê <u>achou</u> ? (3.0)/ disso aqui tudo?/ (lembra) aí depois eu falei/ da época que eu estudei espanhol-/ não tô falando em relação à metodologia mais não/ o que que cê aCHOU/ >de eu< falar/ isso aqui tudo/ pra você?.../ naquele momento/ na-/ na aula? (3.0)/ que >cê <u>achou</u> </ disso? assim/ você lendo/ isso aqui agora comigo.../ ((fungando)) =
119	210 211	Larissa	= eu acho que/ eu penso é que.../ [achei que você falou muito mais po::r...
120	212	Andréa	[(por-)]
121	213 214	Larissa	é::.../ porque uma coisa levou a ou::tra/ do que realmente.../ pra::.../ me/ fazer entender alguma °coisa°/ °assim°/ °num sei° =
122	215	Andréa	= ((em tom bem alto)) h[hh/ hhh
123	216	Larissa	((em tom mais baixo)) [hhh [((em tom abafado)) hhh
124	217 218	Andréa	[dá pra/ cê me explicar melhor isso? =
125	219	Larissa	= assim.../ que eu te perguntei =
126	220	Andréa	= é =
127	221 222	Larissa	= “se você-”/” gostava de aprender inglês”/ aí você falou que “sim”.../ “do jeito que eu tinha falado”
128	223	Andréa	= uh-[huh
129	224 225	Larissa	[e::/ que.../ “você quando-“/ “fez”.../ “>curso< de inglês”/ você achava cha::to”
130	226	Andréa	uh-huh =
131	227 228 229 230	Larissa	= e tal/ “e depois”/ “você fez”/ “um curso de espanhol”/ “que você achou legal”.../ acho que/ >naquela hora</ eu pensei que você::/ falou.../ mais assim/ porque eu tinha falado que achava chato.../ e que não tinha outra maneira de-/ de aprender
132	231	Andréa	entendi/ [tô entendendo
133	232 233 234	Larissa	[e que.../ você falou assim/ só porque uma coisa levou à outra.../ e não pra::.../ mostrar que/ havia.../ realmente outro jeito/ talvez que a gente pudesse fazer aquilo

Ao comentar sobre o meu discurso na Microinteração 5 (cf. Seção 5.1.5), Larissa o interpreta como “não pra [...] mostrar [à ela] que [...] havia [...] realmente outro jeito” de se aprender ILE sem se recorrer ao ensino do aspecto formal do idioma (cf. turno 133, acima). Comparo esta observação com a minha análise e percebo naquela uma discordância com o meu ponto de vista, uma vez que afirmara ter me alinhado com Larissa enquanto aprendiz de ILE (cf. “Décimo-primeiro *enquadre*”, Seção 5.1.5.1). No entanto, também vejo no seu comentário anterior, um possível alinhamento com o fato de eu ter que “defender” a minha face ou resguardar meu papel institucional, como eu mesma declarei na minha análise.

No excerto seguinte, Larissa prossegue com sua interpretação acerca da Microinteração 5, ao comentar sobre minha narrativa de experiência enquanto aprendiz de ELE, naquela mesma microinteração (cf. Seção 5.1.5):

T	L	Falante	Interações
143	247	Larissa	<i>you me contou/ experiências suas (2.0)</i>
144	248	Andréa	uh-huh/ você gostou?/ de escutar >a minha experiência<? (2.5)
145	249 250	Larissa	não lembro.../ eu acho que::.../ eu não tinha ligado muito (3.0)/ hhh/ eu acho >que eu<.../ nu::m =
146	251	Andréa	= não gostou.
147	252	Larissa	[NÃO É >QUE EU< NÃO TENHA gostado/
148	253	Andréa	[eu (tô) (te)/ eu tô te influenciando/ eu num podia [falar
149	254 255 256 257 258	Larissa	[NÃO/ NÃO/ acho que/ num tinha gostado/ nem desgostado/ <i>acho que::.../ como eu falei/ achei que e-/ que >você< tinha comenta::do/ a-/ feito::/ um comentário de-/ porque eu tinha falado/ alguma outra coisa/ então você falou.../ meio que/ só pra mostrar sua opinião</i>
150	259	Andréa	hum =
151	260	Larissa	= (°sabe?°)
152	261 262	Andréa	entendi.../ então cê acha/ que eu falei isso aqui/ pra eu reforçar/ minha opinião?.../ ou pra mostrar/ minha opinião?
153	263	Larissa	<i>é.</i>
154	264	Andréa	e por que?/ que eu queria/ mostrar/ minha opinião? (3.0)
155	265 266	Larissa	ah num sei/ porque eu mostrei a minha/ e você podia/ querer ter/ (me) mostrado/ a sua/ também

As asserções de Larissa em verde, acima, corroboram a minha análise acerca do meu discurso como aluna de ELE, considerando-se dois elementos que serão discutidos a seguir. O primeiro deles relaciona-se ao fato de Larissa ter interpretado aquele discurso como um relato de experiência (cf. turno 143, acima), da mesma forma que eu o fiz no “Décimo-quarto *enquadre*” (Seção 5.1.5.1). O segundo elemento tem a ver com a ideia de eu ter tecido aquele relato de experiência “só pra mostrar [minha] opinião” (turno 149, linha 258), i.e., para justificar o aprendizado do aspecto formal de ILE e de LEs (cf. “Décimo- quarto *enquadre*” & “Décimo-quinto *enquadre*”, Seção 5.1.5.1).

Larissa conclui sua interpretação da Microinteração 5, *viz.*:

T	L	Falante	Interações
156	267 268 269	Andréa	°hum°.../ °uh-huh°/ vamo ver co-/ ((virando as páginas do texto com as interações da aula do dia 8 de agosto de 2007)) voltar aqui/ como é que cê/ mostra/ sua opinião (3.5)/ ((apontando

	270 271 272 273		para a Microinteração 5)) olha aqui.../ aqui você mostrando/ sua opinião (2.0)/ e o último ((virando as páginas do texto com as interações da mesma aula)) aqui/ eu mostrando/ minha opinião ((virando as páginas do mesmo texto)) (2.0)
157	274 275	Larissa	((em tom baixo)) hhh (3.0)/ maior né? (3.0)/ porque::/ assim/ eu acho/ que eu falei/ pouco (2.0)/ porque:: =
158	276	Andréa	= ((mexendo no gravador analógico))
159	277	Larissa	eu::
160	278 279	Andréa	((trocando o lado da fita do gravador analógico)) °pode continuar°/ °que o outro tá gravando°/ [°não tem problema não°
161	280	Larissa	[°ah tá°
162	281	Andréa	[((trocando o lado da fita do mesmo gravador))
163	282	Larissa	[porque::/ eu::/ não:: (2.0)
164	283	Andréa	[((ainda trocando o lado da fita))
165	284	Larissa	[°ai (num sei)°/ °o que°/ °que eu ia falar° (3.0)
166	285 286	Andréa	[((ainda trocando o lado da fita)) ((em tom de riso)) igual/ eu fiz a minha pergunta...
167	287	Larissa	[é::...
168	288	Andréa	[((ainda trocando o lado da fita))
169	289	Larissa	ah.../ porque/ eu não::/ não queria falar.../ muita coisa.../ em inglês
170	290	Andréa	[hu::m
171	300	Larissa	[que é >que eu</ já tinha falado antes =

No excerto anterior, salientei, em verde, o comentário de Larissa na linha 274, turno 157, por entender que Larissa também observa uma quantidade maior de falas de minha parte do que suas, na Microinteração 5 (cf. Seção 5.1.5). Cabe lembrar que eu havia analisado o meu comportamento interacional naquela microinteração como um monólogo, alimentado pela aparente omissão discursiva de Larissa (cf. “Décimo-terceiro *enquadre*” & “Décimo-primeiro *enquadre*”, respectivamente, Seção 5.1.5.1).

Todas essas *oportunidades de aprendizagem* que percebi, ao longo da interpretação que Larissa nos ofereceu sobre as Microinterações 1 a 5, neste capítulo, geraram maiores *entendimentos*, para mim, na atual pesquisa. Tanto a minha análise, quanto a visão de Larissa, contribuem, democraticamente, para a co-construção do presente processo investigativo exploratório, no qual Larissa e eu buscamos entender nossas próprias práticas discursivas, ao mesmo tempo em que nos construímos pesquisadoras-praticantes autônomas e críticas, interacionalmente.